

## O TRABALHO EM VILAS RURAIS SOB INFLUÊNCIA DA DENDEICULTURA NO NORDESTE PARENSE

Laiane Bezerra Ribeiro - laianebr@yahoo.com.br

Dalva Maria Da Mota - dalva.mota@embrapa.br

\* Submissão em: 24/11/2021 | Aceito em: 25/11/2021

### RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar as atividades realizadas pelos moradores de vilas rurais sob influência da dendeicultura no Nordeste Paraense. A expansão desse cultivo tem transformado não só a paisagem, mas também a dinâmica social, cuja face mais visível são as vilas rurais, lugares de residência de grupos que trabalham na dendeicultura na condição de assalariados e de integrados. A pesquisa foi conduzida no âmbito do projeto AFInS<sup>1</sup>, e a metodologia constou de observações e entrevistas com atores-chave residentes em 346 vilas rurais em 22 municípios. Os principais resultados mostram a predominância de quatro tipos de vilas e a inquestionável importância da agricultura e do assalariamento.

**Palavras-chave:** Comunidades rurais. Nordeste. Trabalho.

### INTRODUÇÃO

O cultivo de dendê no Brasil vem se destacando nos últimos anos, especialmente após a criação de programas federais que visam à produção dos agrocombustíveis, como o Programa Nacional de Produção de Biodiesel (PNPB), em 2004, e o Programa de Produção Sustentável de Óleo de Palma (PSOP) em 2010, que cria diretrizes para uma produção do fruto de dendê em bases mais sustentáveis. Nesse cenário, o estado do Pará, especialmente a região do Nordeste Paraense ganha relevância, tornando-se o maior produtor do fruto no Brasil, com uma área estimada em 207 mil ha em 2016 (BRANDÃO; CASTRO; FUTEMMA, 2019) entre áreas pertencentes a grandes empresas e a pequenos agricultores que aderiram ao cultivo através de contratos de integração.

Levando em consideração que a expansão desse cultivo no Nordeste Paraense tem transformado não só a paisagem, mas também a dinâmica social, cuja face mais visível são as vilas rurais, lugares de residência dos que trabalham na dendeicultura na condição de

<sup>1</sup>**Projeto AFInS** – Agricultura Familiar e Inclusão Social é a sigla de um projeto de pesquisa financiado pela Embrapa sob o título *Integração da agricultura familiar na produção do dendê no Pará: possibilidade de inclusão social?* A execução do projeto ocorre por meio de parcerias com a Universidade Federal do Pará-UFPA e Sindicatos Rurais do Nordeste Paraense no período 2014/2017.

assalariados e de integrados, este artigo tem como objetivo analisar as atividades realizadas pelos moradores de vilas rurais sob influência da dendeicultura no Nordeste Paraense.

Os estudos apontam que a dendeicultura, ao mesmo tempo em que gera renda e trabalho para as populações das vilas rurais, também compete pela utilização da mão de obra, especialmente familiar, em outras atividades que não faziam parte do cotidiano dessas populações. Assim, as atividades desenvolvidas pelos moradores das vilas rurais é influenciada por sua relação com a dendeicultura.

Para uma melhor compreensão este trabalho está estruturado em cinco seções. A primeira é esta introdução abordando a temática; a segunda é o referencial teórico; a terceira compreende a metodologia de pesquisa; a quarta seção comporta os principais resultados, analisando as atividades nos quatro tipos de vilas; e a quinta e última seção são as considerações finais.

## 1. REFERENCIAL TEÓRICO

Os estudos sobre os núcleos de povoamentos rurais são abrigados sob uma grande diversidade de denominações, variando de acordo com as regiões, referencial teórico-metodológico e momento histórico. Apesar da grande diversidade de denominações, os estudos têm objetivos afins, quais sejam, caracterizar e entender o espaço de vida comunitária rural (RIBEIRO, 2016).

No decorrer de nossa pesquisa, esses povoamentos rurais eram designados por seus moradores de diversas maneiras: “vilas rurais”, “comunidades”, “travessão”, “colônia”, entre outros. Na literatura não é incomum utilizar a designação de “vilas” em estudos no Amazonas, a exemplo de Alencar (2010), e no Pará, Guerra (2015), Guedes e Cordovil (2013) e Silva (2011). Adotamos a expressão “vilas rurais” baseada nessas literaturas, mas por compreender que esta também foi a mais comum entre as denominações utilizadas por seus moradores.

Clássicos como Antonio Candido e Maria Isaura Pereira de Queiroz introduziram os estudos sobre essa temática no Brasil, através de novas abordagens que mostravam além das estruturas, a organização e as dinâmicas das vilas rurais. Em ambos os casos, os autores investiram na compreensão do funcionamento dos povoamentos.

Candido (1987) e Queiroz (1973) identificam as vilas rurais pela denominação de “bairros rurais”. Para o primeiro, esses núcleos são caracterizados, principalmente, pelo sentimento de localidade entre seus moradores, sentimento este responsável por definir as

extensões do bairro. A organização do trabalho coletivo também é elencado por Candido como uma das características de um bairro rural. “É membro do bairro quem convoca e é convocado para tais atividades” (CANDIDO, 1987, p. 67)

Da mesma forma, Queiroz (1973) identifica os bairros rurais pelos vínculos sociais que unem seus membros. Segundo ela, os bairros rurais também podem ser aqueles cujos membros, estando à frente de empreendimentos rurais de que guardam responsabilidade (mesmo quando não conservam a totalidade da colheita), desenvolvem entre si relações de trabalho expressas na ajuda mútua e conservam relações de vizinhança que se concretizam na participação, em nível social igualitário, das atividades cotidianas e festivas do grupo de localidade.

Na região Amazônica, Wagley (1988) denomina a vila rural de “comunidade” e analisa a organização social, os modos de vida, a espacialização das moradias e as festas que lá ocorrem. Destaca que existem, nesses ambientes, relações humanas de indivíduo para indivíduo, e, nelas, todos os dias as pessoas estão sujeitas aos preceitos de sua cultura. Além disso, o autor ressalta o trabalho coletivo como uma forma de distrair e agregar vizinhos e parentes na limpeza da roça no começo do verão. Destaca também que por muito tempo a principal atividade econômica dos moradores dessas vilas estava relacionada à indústria da borracha, determinada pelo sistema de crédito, pela dependência econômica ao comerciante e pelo vago sistema de arrendamento.

Recentemente, Ribeiro, Mota e Alves (2017), estudando as vilas rurais paraenses, destacaram que o trabalho realizado pelos moradores destas irá se diferenciar de acordo com a formação das vilas. Segundo as autoras, as vilas rurais que estavam às margens de rios ou igarapés desenvolvem muito mais as atividades pesqueiras e extrativistas do que as demais. Em contraste, as vilas que se formam ao longo das estradas têm uma predominância de assalariados agrícolas e não agrícolas, pois a grande parte dos moradores não possuem terras para atividades agrícolas. Já as vilas mais afastadas dos centros urbanos e de empresas possuem uma maioria de moradores que desenvolvem atividades agrícolas (RIBEIRO; MOTA; ALVES, 2017).

Os moradores das vilas rurais caracterizam-se por uma forma de organização do trabalho que irá se desenvolver em diversos ambientes, associando tanto a família, quanto os demais moradores da vila. Os critérios utilizados para direcionar as decisões relativas às atividades não visam apenas à rentabilidade, mas principalmente atender às necessidades da família e, em alguns casos, da população em geral da vila. A pluriatividade dos moradores das vilas refletem em atividades que se desenvolvem tanto em terra, nas florestas, quanto na água. Nesse conjunto,

o assalariamento (temporário ou permanente) também se destaca como uma forma de complementar a renda familiar. No entanto, a importância dessas atividades podem se diferenciar de acordo com os fatores ambientais, localização das vilas, maior ou menor proximidade dos centros urbanos e a presença ou não de empresas nas vilas e em suas proximidades.

As formas e os lugares como as vilas rurais do Nordeste Paraense se estruturam interferem nas atividades realizadas. Porém, ao longo do tempo, vão se readaptando às transformações quanto à abertura de estradas, chegada de novos moradores e mudanças no trabalho, principalmente após a expansão da dendeicultura no Nordeste Paraense.

## 2. METODOLOGIA

O estudo foi realizado no período de 2015-2019 como parte das ações do projeto AFInS. Um estudo exploratório foi realizado com observações e entrevistas através de um formulário com perguntas abertas e semiestruturadas sobre: história da vila, demografia, infraestrutura, acesso à terra, recursos naturais, organização social, festejos, apreciação da vila e as principais atividades econômicas. Os dados foram colhidos em 346 vilas rurais com atores-chave (antigos moradores, lideranças comunitárias, professores, agentes comunitários de saúde e residentes em geral) em 22 municípios que fazem parte do zoneamento agroecológico do dendê no Nordeste Paraense. Em cada município foi retirado uma amostra de 10% das vilas, selecionadas aleatoriamente. Pontos de Sistema de Posicionamento Global (GPS) foram levantados para permitir a localização das vilas.

A partir dos dados levantados, foi possível traçar uma tipologia que levou em consideração a relação dos membros das vilas com a dendeicultura, tendo sido identificados quatro tipos de relação, quais sejam: i) vilas rurais com agricultores integrados à dendeicultura; ii) vilas rurais com moradores assalariados vinculados à dendeicultura; iii) vilas rurais com moradores assalariados e agricultores integrados à dendeicultura; e iv) vilas rurais sem assalariados e integrados à dendeicultura. O mapa abaixo identifica a localização das vilas rurais segundo a tipologia.

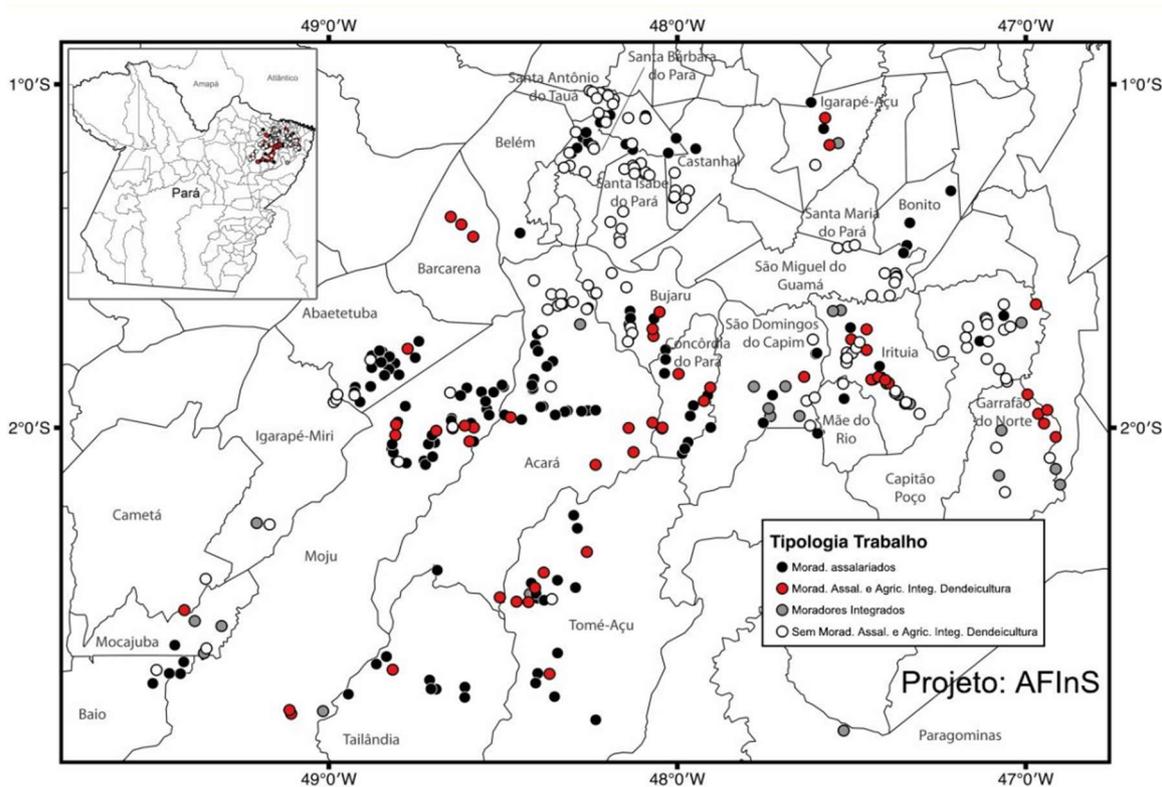


Figura 1: Tipologia e localização das vilas rurais visitadas.  
 Fonte: AFInS, 2016.

### 3. TRABALHO NAS VILAS RURAIS

Para compreender as atividades econômicas realizadas pelos moradores das vilas rurais, utilizamos uma tipologia levando em consideração a relação dos habitantes das vilas com a dendeicultura. Estes foram classificados em quatro tipos que serão descritos e analisados abaixo.

#### 4.1 Trabalho nas vilas rurais com agricultores integrados à dendeicultura

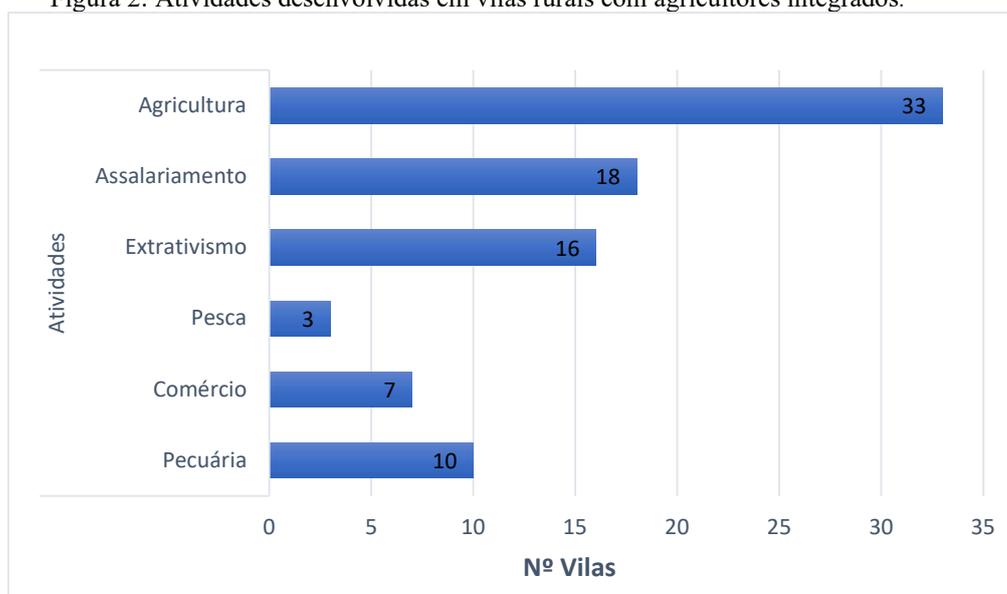
No primeiro tipo, evidenciamos as vilas rurais que possuem moradores integrados através de contratos com as agroindústrias de dendê. A integração, segundo Aquino (2013), é considerada uma estratégia empresarial que visa a garantir uma parcela da matéria-prima necessária para manter o processo produtivo em funcionamento. Os modelos de produção denominados de integração são utilizados por grandes indústrias, sobretudo a partir dos anos 1960, principalmente no sul do Brasil, e está presente em diversos ramos, como produção de suínos e aves, tabaco, flores etc. (AQUINO, 2013). Especificamente, Aquino (2013) destaca que esse sistema é “baseado em um contrato em que os primeiros se comprometem em produzir

determinada quantia de matéria-prima que será adquirida e beneficiada por uma indústria” (AQUINO, 2013, p. 160).

No Nordeste Paraense, o modelo de integração de agricultores familiares à produção de dendê inicia nos anos 2000, no município de Moju, estado do Pará. Posteriormente, o governo federal cria o PNPB para estimular a produção de biodiesel em nível nacional, e o PSOP para oferecer mais apoio estrutural para produção de dendê, como zoneamento agroecológico de terras adequadas para a cultura e uma linha específica de crédito chamado Pronaf Eco Dendê, estabelecido aos agricultores familiares para estes aderirem ao monocultivo (MOTA *et al.*, 2019). A integração é um tema que tem sido bastante estudado na dendeicultura, e autores divergem sobre os seus benefícios para os agricultores familiares. Gomes *et al.* (2021) concluem que a relação nem sempre significa uma relação harmoniosa, e apontam pontos negativos e positivos.

As vilas rurais com moradores com contratos de integração corresponderam a 9,5% (33) do universo pesquisado, apresentando o menor número em relação aos demais tipos. Os municípios de destaque nesse tipo foram: São Domingos do Capim, Irituia, Tailândia e Garrafão do Norte, que apresentaram um número elevado de moradores integrados à dendeicultura nas vilas. Na figura 2, identificamos as atividades mais frequentes realizadas pelos moradores:

Figura 2: Atividades desenvolvidas em vilas rurais com agricultores integrados.



Fonte: AFInS, 2021.

O trabalho nas vilas rurais com agricultores integrados à dendeicultura tem suas diferenças, principalmente quando analisada em relação ao grau de importância das atividades. A agricultura, o assalariamento e o extrativismo são as atividades mais frequentes entre os entrevistados. A agricultura está presente em 100% (33) das vilas, o assalariamento em 54% (18), enquanto o extrativismo estava presente em 48% (16). Outras atividades, como o comércio, pesca e pecuária, apesar de estarem em menor número, têm importância para os moradores, pois são desenvolvidas como uma maneira de complementar a renda e atender a necessidades alimentares. Apesar de estar presente em 100% das vilas, o trabalho agrícola foi considerado pelos moradores como a principal atividade em 79% (26) das vilas.

Dentre os arranjos das atividades, constatamos a coexistência de até quatro atividades sendo realizadas ao mesmo tempo (agricultura, extrativismo, pecuária, pesca ou assalariamento). O quadro mais comum foi o de vilas em que os moradores exerciam duas ou três atividades, sendo estas, na maioria das vezes, agricultura, assalariamento, extrativismo ou pecuária. Em 14% das vilas, os moradores exerciam somente uma atividade, e o número de famílias era reduzido. Essas famílias se dedicavam somente ao trabalho na agricultura através de cultivos de roça (mandioca, feijão e milho), pimenta-do-reino e o dendê.

A dendeicultura, apesar de estar em todas as 33 vilas, por meio da integração, é identificada somente em duas vilas como a principal fonte de trabalho. Geralmente, essa atividade não gera emprego para terceiros porque são os membros da própria família integrada a principal mão de obra para o trabalho. Ocasionalmente, podem ser contratados trabalhadores, na forma de diárias, para desenvolverem atividades específicas, como a limpeza da área, adubação, colheita e outras.

As vilas com moradores integrados possuem uma diversidade de atividades característica do campesinato amazônico, a exemplo das atividades agrícolas, pesqueiras, extrativistas, assalariadas, dentre outras. Segundo Hébette, Alves e Miranda (2002), é necessário compreender a diversidade de situações de vida dos muitos tipos de pequenos produtores que combinam atividades econômicas ou são especializados em outras, com maior ou menor grau de intervenção e de transformação do meio ambiente.

## 4.2 Trabalho nas vilas rurais com moradores assalariados vinculados à dendeicultura

No segundo tipo, agrupamos as vilas rurais cujos moradores possuem relação com a dendeicultura por meio do assalariamento rural. No universo pesquisado, estas foram as mais comuns, correspondendo a 42% (144) das vilas, distribuídas em 17 municípios. Moju, Acará, Tomé-Açu, Abaetetuba e Bonito, que possuem ou são vizinhos de agroindústrias de dendê, foram os municípios que apresentaram o maior número de assalariados vinculados à dendeicultura por vila.

O assalariamento é muito comum, especialmente, entre os jovens rurais que o buscam como uma forma de emancipação econômica de suas famílias. Mesmo com todo o cenário de precarização, o assalariamento é visto como uma necessidade de obter seus próprios ganhos monetários ou ampliar a renda familiar (MARIN, 2020). As restrições no uso e na baixa qualidade da terra também são um dos fatores primordiais que levam os jovens a optarem pelo trabalho assalariado (GUANAIS, 2014; MARIN, 2020).

Na dendeicultura, o trabalho assalariado é realizado por trabalhadores que, de modo geral, já possuem experiências anteriores na agricultura familiar. Com idade de 20 a 35 anos, podendo chegar até 50 anos, vivem nas proximidades dos empreendimentos ou em municípios vizinhos e, em consequência, trabalham “perto de casa” (MOTA; BALSADI; MOURÃO JÚNIOR, 2019; ROBERT, 2017).

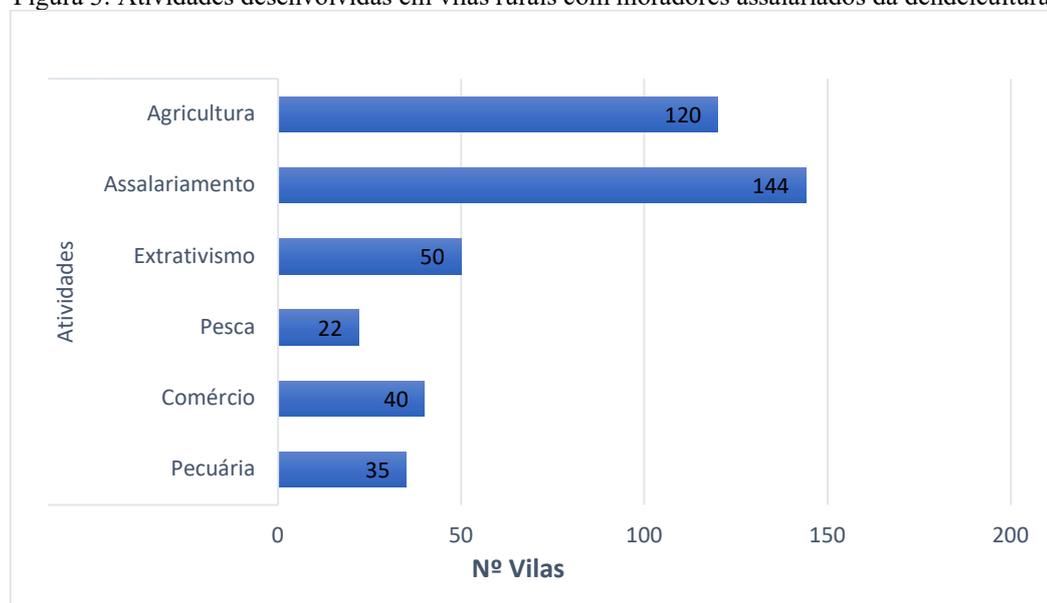
A proximidade com os empreendimentos do dendê interferiu na venda de terras nas vilas e nas proximidades destas, o que também ocasiona maior frequência do assalariamento. Depoimentos de alguns moradores indicam a venda de terras para o monocultivo, restando a estes recorrerem ao assalariamento na dendeicultura ou a outras formas de trabalho.

A empresa comprou as terras de todo mundo da vila em troca de empregos. Quem não vendeu suas terras no início ficou cercado pelo dendê e se viu forçado pela empresa a vender sua terra, já que a empresa iria proibir a entrada em suas terras, em suas próprias terras, porque a estrada passava dentro do plantio da empresa (G.R, 33 anos, agricultor da vila Curuperé, Abaetetuba/PA).

Esse tipo de vila se diferencia por apresentar o assalariamento na dendeicultura em 100% das vilas. A agricultura estava presente em 83% (120) das vilas, o que demonstra que, mesmo com o assalariamento, os moradores desenvolvem outras atividades rurais, como o

extrativismo, especialmente do açaí, em 35% (50) das vilas, comércio em 28% (40), pesca e pecuária em 15% e 24%, respectivamente.

Figura 3: Atividades desenvolvidas em vilas rurais com moradores assalariados da dendeicultura.



Fonte: AFInS, 2021.

Apesar de o assalariamento no dendê estar presente em todas as vilas, quando analisado segundo o grau de importância que os moradores dão a essa atividade, ele é a principal atividade em apenas 33% (48). No entanto, é importante destacar que os moradores desse tipo de vila exercem em torno de duas a três atividades, segundo arranjos diversos. Porém, a agricultura e o assalariamento sempre estão nesse conjunto, juntamente com o extrativismo, pecuária e comércio. Apenas 1% (2) das vilas exerce cinco das atividades elencadas nos questionários: agricultura, assalariamento, pesca, comércio e pecuária.

Verificamos nessas vilas uma tendência à diluição das atividades produtivas da família. A divisão do trabalho se amplia, e o trabalho assalariado substitui progressivamente outras formas de ocupação produtiva. O assalariamento tende a acarretar a especialização da produção de alguns produtos e a diminuição de áreas de roça. No entanto, não diminui sua importância, muito menos as extingue (MOTA; RIBEIRO; SCHMITZ, 2019).

Os trabalhadores rurais transitam entre a condição de empregados temporários no período de safra, para ter um ganho de renda, e o trabalho familiar no restante do ano, por exemplo. Em regra, isso ocorre porque essas famílias têm uma área diminuta para produzir

(RIBEIRO, 2016). No entanto, essa transição entre ocupações mostra-se essencial à permanência da família no campo (RIBEIRO; NASCIMENTO, 2021).

#### **4.3 Trabalho nas vilas rurais com agricultores integrados e moradores assalariados na dendeicultura**

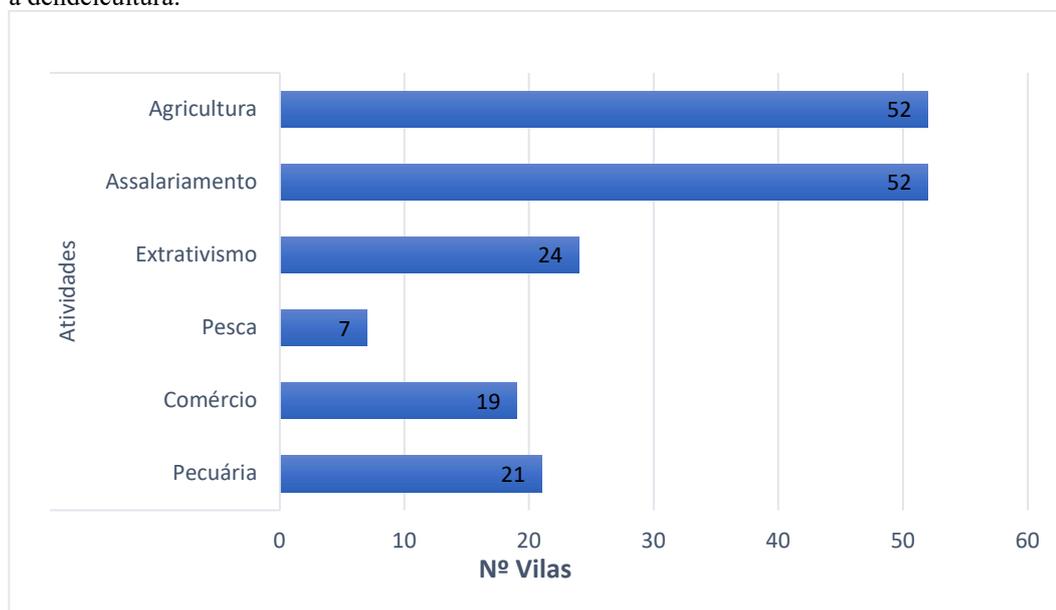
No terceiro tipo, temos as vilas com moradores que têm relação com a dendeicultura por meio do assalariamento e da integração. São 52 vilas rurais (15%) distribuídas em 13 municípios, cujos destaques são: Moju, Acará, Irituia e Concórdia do Pará. Esses municípios, que têm maior proximidade com as agroindústrias de dendê, apresentaram um maior número de assalariados e integrados nas vilas rurais.

Por estarem em um ambiente de grande influência da dendeicultura, através da integração e do assalariamento, a diversidade dos produtos oriundos da agricultura familiar pode ser comprometida. Ribeiro (2016) assinala tanto a diminuição da força de trabalho, que passa a se dedicar ao trabalho assalariado, quanto a menor disponibilidade de áreas agrícolas, que passam a ser ocupadas com no mínimo 10 ha para o cultivo de dendê por contrato de integração.

Rebello (2012) aponta os riscos que a dendeicultura pode trazer ao meio rural, como a redução na oferta de produtos da economia tradicional (mandioca, milho, feijão), que pode afetar a segurança alimentar do agricultor. Rebello (2012) também mostra que a dendeicultura tem a capacidade de criar oportunidades de trabalho assalariado no campo, tanto nas atividades rurais (cultivo da palma), como na industrial (extração do óleo).

As atividades exercidas pelos moradores neste tipo de vila apresentam a coexistência entre o trabalho assalariado e a integração à dendeicultura em 100% das vilas. No entanto, verificou-se também que 46% (24) das vilas tinham moradores que praticavam o extrativismo, 36% (19) das vilas se dedicavam a pequenos comércios, 13% exerciam atividades pesqueiras, e 40% (21) tinham moradores que desenvolviam a pecuária, especialmente, de pequenos animais e suínos.

Figura 4: Atividades desenvolvidas nas vilas rurais com moradores assalariados e agricultores integrados à dendeicultura.



Fonte: AFInS, 2021.

A agricultura foi considerada a principal atividade em 62% (32) das vilas, enquanto o assalariamento foi a principal atividade em 37% (19).

Em relação à coexistência de atividades, os moradores desse tipo de vila exercem, na grande maioria, até três atividades, sendo a agricultura presente em todas. As demais atividades abrangem o extrativismo, pecuária, pesca e o assalariamento. As vilas que tinham somente duas atividades corresponderam a 31% (16) das vilas, sendo essas atividades formadas pela agricultura combinada a uma outra atividade: extrativismo, pesca, comércio ou assalariamento agrícola e não agrícola.

#### 4.4 Trabalho nas vilas rurais com moradores sem relação de assalariamento ou integração com a dendeicultura

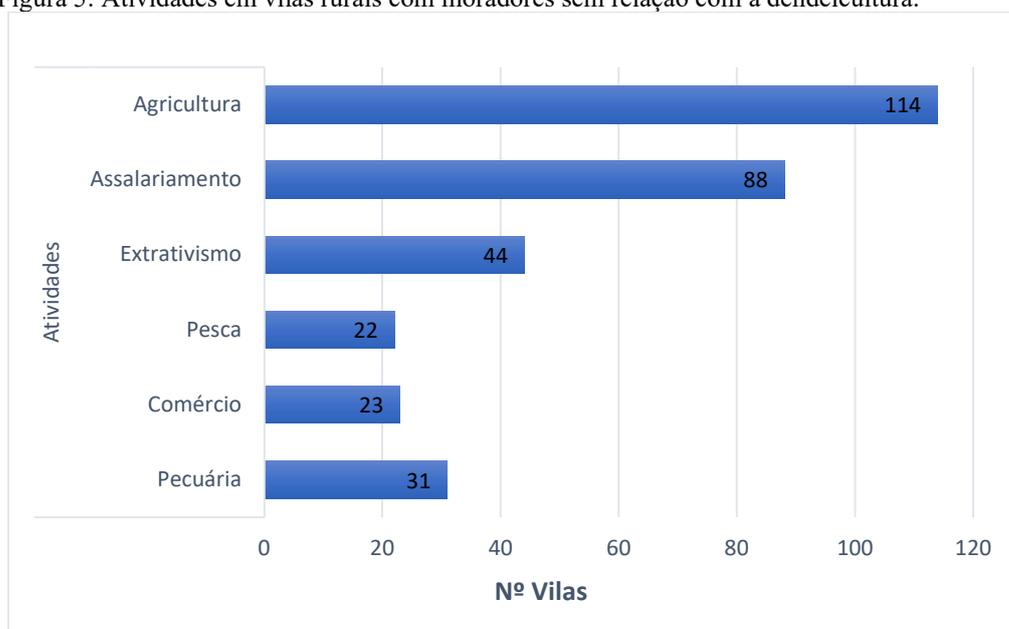
No quarto tipo, verificamos as vilas rurais que, apesar de não terem moradores integrados ou assalariados à dendeicultura, estão em municípios que produzem o dendê em extensas áreas nos arredores da vila. O número de vilas sem relação direta com a dendeicultura nesta pesquisa foi de 117 (33%). Elas estão distribuídas em 19 municípios que se localizam principalmente onde a cultura existe há mais tempo, como: Santa Izabel, Santa Barbara e

Castanhal. Nesses municípios, os assalariados da dendeicultura em sua grande maioria residem nas áreas urbanas.

Segundo Ribeiro (2016), em vilas rurais cujos moradores não possuem vinculação com a dendeicultura, ocorre uma maior diversificação de atividades, pois a dendeicultura exige dos integrados e assalariados uma reorganização das atividades. Dos agricultores, ela exige uma maior disponibilização de tempo para a realização dos tratos culturais em épocas certas para se obter o rendimento esperado, restando menos tempo e força para as demais atividades agrícolas.

Assim, como nos demais tipos, os moradores dessas vilas exercem diversas atividades. Porém, a agricultura, o assalariamento e o extrativismo são apenas as principais delas. Além destas, eles exercem uma diversidade de atividades agrícolas e assalariadas que não está relacionada com a dendeicultura.

Figura 5: Atividades em vilas rurais com moradores sem relação com a dendeicultura.



AFInS, 2021.

É importante destacar, segundo a figura acima, que nesse tipo de vila, os moradores exercem diferentes atividades, sendo as mais comuns a agricultura, o assalariamento e o extrativismo. A pesca, o comércio e a pecuária ocorrem com menor intensidade.

A agricultura é praticada pelos moradores em 100% (114) das vilas, destacando-se, principalmente, cultivos de ciclo curto (mandioca, milho e feijão), frutíferas e hortaliças. Em 75% (85) das vilas, moradores eram assalariados na zona urbana, 39% (44) exerciam também

o extrativismo, principalmente do açaí. Também são desenvolvidos o comércio, a pesca e a pecuária pelos moradores desse tipo de vila

O trabalho na agricultura, apesar de estar presente em 100% das vilas, foi considerado a principal atividade somente para 61% (71) dos moradores das vilas. O assalariamento foi considerado a principal atividade para 27% (32). Já o extrativismo é a principal atividade em 9% (11) das vilas.

O trabalho assalariado destaca-se, nesse tipo de vila, por estar relacionado principalmente ao emprego público (prefeitura e estado) e ao setor privado. No primeiro caso, destacam-se os empregos de professor, agentes de saúde, serventes, técnicos em enfermagem, ocupações realizadas principalmente pelas mulheres das vilas. No segundo caso, destacam-se o trabalho na construção civil e comércio na região metropolitana de Belém, além de diárias para o corte de polpa de frutas ou no trabalho mais pesado para os homens na limpeza de áreas.

Nesse tipo de vila os moradores exerciam até cinco atividades elencadas no questionário (agricultura, assalariamento, extrativismo, comércio, pesca e pecuária). Porém, a maioria das vilas (77%) apresentavam moradores que exerciam concomitantemente de duas a três atividades, sendo estas a agricultura, o assalariamento, o extrativismo ou a pecuária.

#### 4. CONCLUSÕES

O objetivo deste artigo foi analisar as atividades realizadas pelos moradores de vilas rurais sob influência da dendeicultura no Nordeste Paraense. Buscamos assim, identificar se o monocultivo de dendê influencia direta ou indiretamente nas atividades desenvolvidas.

Dentre as 346 vilas analisadas, 63% (212) têm a agricultura como principal atividade, sendo consideradas diversas atividades agrícolas: mandioca, milho, feijão, oleícolas e cultivos perenes (açaí, dendê e frutíferas). O assalariamento foi a principal atividade em 30% (99) das vilas, sendo mais comum nas agroindústrias de dendê, construção civil e no setor público. O trabalho no extrativismo aparece como o principal em 6% (20) das vilas rurais, caso em que o açaí aparece como o carro chefe. Comércio e pecuária são as principais atividades em duas vilas (1,1%), e a pesca é a principal em três (0,9%) vilas.

Para fins analíticos, as vilas foram agrupadas em quatro tipos, segundo a relação que seus moradores tinham com a dendeicultura, quais sejam: i) vilas rurais com agricultores integrados à dendeicultura; ii) vilas rurais com moradores assalariados vinculados à

dendeicultura; iii) vilas rurais com moradores assalariados e agricultores integrados à dendeicultura; e iv) vilas rurais sem assalariados e integrados à dendeicultura.

Os quatro tipos apresentaram a agricultura e o assalariamento como principais atividades. Entretanto, esses tipos diferenciaram-se principalmente quando comparados segundo suas atividades agrícolas. As vilas com integrados apresentaram a menor diversificação entre as demais, seguidas das vilas com assalariados e vilas com assalariados e integrados. Porém, as vilas sem relação com a dendeicultura têm a maior diversificação agrícola, o que demonstra que a mão de obra disponível nas vilas está voltada para a produção de diversas culturas, ao contrário das outras vilas, cuja mão de obra dedica-se a demandas externas aos estabelecimentos, dentre as quais, destaca-se a dendeicultura.

Através da literatura e do trabalho de campo, constatamos que as atividades desenvolvidas nas vilas evidenciam diversas formas de trabalho para os moradores garantirem a reprodução social e, acima de tudo, permanecerem no campo.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, E. F. **Memórias de Mamirauá**. Tefé, AM: Instituto de Desenvolvimento Sustentável de Mamirauá, 2010.
- AQUINO, S. L. Estratégias empresariais e efeitos locais: A integração de pequenos agricultores à indústria fabricante de papel e celulose. **Revista IDEAS**, v. 7, p. 158–197, 2013.
- BRANDÃO, F.; CASTRO, F.; FUTEMMA, C. Between structural change and local agency in the palm oil sector: Interactions, heterogeneities and landscape transformations in the Brazilian Amazon. **Journal of Rural Studies**, v. 71, p. 156–168, out. 2019.
- CANDIDO, A. **Os parceiros do rio bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. 7. ed. São Paulo: Duas cidades, 1987.
- GOMES, D. L.; SCHMITZ, H.; MOTA, D. M. Agricultores familiares, agroindústrias de dendê e a integração produtiva na Amazônia paraense. **Caminhos de Geografia**, v. 22, n. 83, p. 301–320, 4 out. 2021.
- GUANAIS, J. B. Vida e trabalho dos cortadores de cana: migração, assalariamento temporário e labor nos canaviais paulistas. **Século XXI – Revista de Ciências Sociais**, v. 4, n. 1, p. 260–290, 22 set. 2014.
- GUEDES, E. B.; CORDOVIL, G. V. Vilas Rurais na Amazônia Paraense: Uma Proposição Conceitual. **Revista Geoamazonia**, v. 1, n. 1, p. 28–47, 30 jun. 2013.
- HÉBETTE, J.; ALVES, J. M.; QUINTELA, R. Parentesco, vizinhança e organização profissional na formação da fronteira amazônica. In: **No mar, nos rios e na fronteira: faces do campesinato no Pará**. Belém, PA: Universidade federal do Pará, 2002. p. 173–202.
- MARIN, J. O. B. Juventudes Rurais: projetos de emancipação social. **Desenvolvimento em Questão**, v. 18, n. 52, p. 33–54, 24 jul. 2020.

- MOTA, D. M. et al. Oil palm contract farming improves quality of life for family farmers in the Brazilian Amazon? *ETFRN News* 59 - Exploring inclusive oil palm production, p. 8, 2019.
- MOTA, D. M.; BALSADI, O. V.; MOURÃO JÚNIOR, M. Transformações na estrutura ocupacional do Norte do Brasil com foco na dendeicultura. *Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas*, v. 39, n. 2, p. 289–312, 13 dez. 2019.
- MOTA, D. M. DA; RIBEIRO, L.; SCHMITZ, H. A organização do trabalho familiar sob a influência da produção de dendê em Tomé-Açu, Pará. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 14, n. 2, p. 531–552, ago. 2019.
- QUEIROZ, M. I. P. *Bairros rurais paulistas*. São Paulo: Duas cidades, 1973.
- RIBEIRO, L. B. *O trabalho sob influência da dendeicultura em vilas rurais Paraenses*. Mestrado—Belém: Universidade Federal do Pará/Programa de Pós-Graduação em Agriculuras Amazônicas, 2016.
- RIBEIRO, L. B.; MOTA, D. M.; ALVES, K. S. Vilas rurais na Amazônia Oriental: O Nordeste Paraense em questão. *Cadernos de Ciência & Tecnologia*, v. 34, n. 3, p. 339–358, 2017.
- RIBEIRO, L. B.; NASCIMENTO, D. A. S. DO. **Ruralidade imposta pela produção de uma commodity em vila rural no Pará**. CP02 - Ruralidades e Lutas sociais no campo. *Anais... In: 20 CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA*. Belém: Universidade federal do Pará, 2021.
- ROBERT, L. F. O. J. **Trabalho agrícola na colheita do dendê: a contribuição da ergonomia na avaliação das condições de trabalho em uma empresa de médio porte no Nordeste do Estado do Pará**. Doutorado—São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2017.
- SILVA, D. W. **ENTRE A VILA E O ASSENTAMENTO**: Belém: Universidade Federal do Pará/Programa de Pós-Graduação em Agriculuras Amazônicas, 2011.
- WAGLEY, C. *Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos*. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. v. 136